

As metáforas nas interações com discurso de ódio

*Letícia Karine Alves da Silva*¹

*Patrícia da Silva Valério*²

Resumo

Este trabalho tematiza a metáfora como parte integrante da linguagem humana e visa compreender o papel dessa figura de linguagem como justificativa na profusão de discursos violentos ou de ódio. O artigo apresenta uma etapa de uma pesquisa em desenvolvimento e busca descrever a metáfora a partir de duas perspectivas: a primeira, com base nas origens do conceito, a partir da filosofia da linguagem; a segunda, com base na linguística cognitivista. O estudo sobre o papel das metáforas na linguagem revela como esse recurso argumentativo representa importante estratégia na construção dos discursos que veiculam violência verbal.

Palavras-chave: Metáforas. Interação. Discurso de ódio

Data de submissão: Março. 2024 – Data de aceite: Março.2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v20i1.15693>

¹ Graduada em Letras (UPF), mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras. E-mail: 156070@upf.br

² Doutora em Linguística Aplicada pela Unisinos, mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo e graduada em Letras pela Universidade de Passo Fundo. É professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação em Letras da UPF e desenvolve estudos na linha de “Constituição e interpretação do texto e do discurso”. <http://orcid.org/0000-0003-4664-9625> E-mail: patriciav@upf.br

Introdução

Acompanhamos, nos últimos anos, a emergência de discursos de ódio na internet, esse lugar que se tornou um espaço vital para a comunicação e a interação humana, responsável por moldar muitas das percepções coletivas e por influenciar os discursos públicos. As interações que envolvem esse tipo de discurso refletem e refratam pontos de vista sociais, éticos, religiosos e políticos.

Do ponto de vista linguístico, os discursos de ódio são complexos e multifacetados. Eles podem assumir diversas formas, desde comentários aparentemente inofensivos, até discursos que ofendem grupos ou indivíduos. Além disso, esses discursos muitas vezes se manifestam por meio de técnicas retóricas persuasivas, visando legitimar ideologias extremistas e promover agendas políticas ou sociais. A ampliação da circulação desse tipo de discurso tem despertado a atenção dos usuários das redes sociais, atraindo público que compartilha essa ideologia, mas também o público que denuncia as postagens nas e, para além, das redes, o que tem levado a algum tipo de punição, seja a interrupção temporária da exibição de uma página pessoal ou profissional, ou até, em casos mais graves, o banimento da rede com a exclusão da conta. Assim, quando um discurso é denunciado como violento ou caracterizado como discurso de ódio, algumas pessoas que o proliferam usam como argumento que se tratava de uma metáfora, buscando, dessa forma, evitar punição civil ou midiática. Não faltam exemplos para isso e são inúmeras as ocorrências veiculadas através das mídias sociais. Entre o “vamos metralhar a petralhada” ao “processo ou bala”, as vítimas desse tipo de discurso atingem principalmente as mulheres.

Aprendemos, com Bakhtin (2019), que o locutor sempre se dirige a um interlocutor - real ou imaginado, presente ou ausente - e que sua fala é povoada de uma intenção, um aspecto semântico-objetual, que representa um direcionamento. Esse direcionamento, por sua vez, guarda estreita relação com o interlocutor, real ou presumido, de quem se espera uma resposta.

Os sujeitos que proferem determinados tipos de discursos nas mídias sociais, quando confrontados sobre o conteúdo de incitação ao ódio em suas falas, costumam justificar-se, usando argumento de que o sentido de “matar”, depreendido pelo interlocutor, não era literal, não era o sentido pretendido pelo produtor e que o uso da palavra ou expressão “era simplesmente uma metáfora”.

Sabemos que a metáfora é um recurso expressivo que atribui a um termo, conceito ou expressão uma significação diferente da habitual, estabelecendo uma relação de analogia ou de semelhança. Nesse processo de construção da significação o interlocutor participa ativamente, (co) construindo sentido(s).

Sendo ou não o discurso de ódio uma metáfora, sabemos que essa figura de

linguagem se constitui como poderosa ferramenta retórica, podendo ser empregada de forma sutil e subjetiva e com potencial de influenciar profundamente as percepções e as atitudes das pessoas. A metáfora, por sua natureza figurativa, permite que as pessoas expressem ideias complexas e abstratas de maneira concisa e evocativa. No entanto, quando usada de forma inadequada ou manipuladora, pode ser uma arma perigosa para promover discursos de ódio e discriminação.

Foi a partir dessa motivação, que iniciamos uma investigação que tem como objetivo principal compreender o papel da metáfora como justificativa para discursos de ódio na internet. Acreditamos que, ao descrever o papel das metáforas na linguagem, desvendando as estratégias discursivas usadas no discurso, é possível compreender a profusão desses discursos na mídia. É assim que este artigo apresenta uma etapa de uma pesquisa em desenvolvimento³, que teve origem na busca da compreensão desse fenômeno.

Com objetivo de conhecer o papel da metáfora no discurso, este texto está organizado em três seções, além desta introdução. Na primeira, retomamos o conceito de metáfora em sua origem, buscando descrevê-la sob uma perspectiva filosófica; na segunda, definimos a metáfora a partir da perspectiva da linguística cognitivista norte-americana; e, na terceira, apresentamos considerações parciais a partir dessa dupla perspectiva, buscando refletir sobre o papel da metáfora nos discursos de ódio veiculados na mídia.

1 A metáfora no princípio: uma transposição do nome

Muitas vezes reduzida a conteúdo das aulas de língua portuguesa nas séries finais do ensino fundamental ou no médio, a metáfora popularizou-se como figura de linguagem que referencia uma comparação implícita.

Muito além do conteúdo obrigatório da sala de aula, as metáforas estão presentes na nossa vida, produzindo sentidos nas construções linguísticas das interações verbais. Com vistas a compreender o papel dessas na interação na internet, fomos em busca das origens desse conceito. Assim, chegamos, através de Paul Ricoeur (2000), aos filósofos. É a partir dessa perspectiva que apresentamos esta primeira seção.

Na obra *A metáfora viva*, Ricoeur (2000) traz ao conhecimento do leitor oito estudos apresentados em um seminário que ocorreu na Universidade de Toronto em 1971 e foram progredindo durante cursos ministrados posteriormente em outras universidades. Cada um dos oito estudos que compõem a obra, conforme é prefaciado pelo autor, apresentam pontos de vista distintos, que se integram. Tais pontos de vista iniciam com o estudo da palavra, para chegar à frase e ao discurso, partindo, portanto, da retórica clássica,

³ Este artigo integra parte inicial de um estudo maior que se encontra em desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Letras da UPF.

passando pela semiótica, semântica até chegar à hermenêutica. Em razão do tempo e espaço deste artigo, apresentaremos somente duas perspectivas: da palavra ao discurso, sem passar pela frase.

Ricoeur (2000) parte de Aristóteles, o precursor na discussão sobre as metáforas, quando essas eram estudadas sob o viés da palavra. Aristóteles definia metáfora como *epífora do nome*, como “o transporte a uma coisa de um nome que designa uma outra, transporte quer do gênero à espécie, quer da espécie ao gênero, quer da espécie à espécie ou segundo a relação de analogia” (XXI, 7, *Poética* 1457b 6-9)” (Ricoeur, 2000, p. 24). Ainda hoje, percebemos que essa noção de metáfora como transposição de significados continua a ser muito utilizada por gramáticos, teóricos da linguagem e segue ativa nos livros didáticos.

O filósofo Aristóteles tratou de metáforas em seu trabalho retórico e poético, em especial em sua obra *A Retórica*, discutindo as metáforas como figuras de linguagem e estratégias retóricas usadas para tornar a linguagem mais expressiva e persuasiva. Aristóteles entendia a metáfora como uma das figuras de linguagem mais importantes e eficazes. Ele descreveu a metáfora como a transferência de um termo de seu contexto original para outro, apoiado na existência de alguma semelhança ou analogia entre eles. Em outras palavras, definia a metáfora como uma comparação não explícita que aprimora o significado da expressão linguística.

O filósofo grego acreditava que as metáforas eram instrumentos persuasivos poderosos na retórica. Ao usar metáforas, os oradores podiam fazer com que seu público visualizasse e entendesse melhor as ideias que estavam apresentando, tornando seu discurso mais cativante e envolvente.

O filósofo também destacou a importância das metáforas na poesia. Para ele, a poesia era mais filosófica do que a prosa, em parte porque os poetas frequentemente usavam metáforas para expressar ideias complexas e abstratas de uma forma mais acessível. Aristóteles enfatizou que o uso adequado e apropriado das metáforas era crucial. Ele alertou contra o uso excessivo ou inadequado de metáforas, pois isso poderia tornar o discurso confuso e enfraquecer sua eficácia persuasiva. Por isso, argumentava sobre ser importante equilibrar o uso de metáforas com expressões mais literais e diretas.

Na obra *A Retórica*, Aristóteles também forneceu orientações sobre como os oradores poderiam escolher as metáforas certas para seus propósitos. Ele observou que as metáforas deveriam ser relevantes para o público-alvo e a mensagem que o orador desejava transmitir, revelando-se como ferramentas discursivas importantes para enriquecer a linguagem e aumentar a persuasão em discursos e poesia. Suas ideias influenciaram a teoria retórica e a análise literária ao longo da história.

A metáfora aristotélica é entendida a partir dos padrões da palavra, pelos quais se

estabelecem relações de semelhança, as quais podem se dar através de três movimentos: desvio, empréstimo e substituição. Ao utilizar uma metáfora, então, produz-se uma quebra da convenção usual da palavra; um desvio de sentido; uma troca de uma palavra (ausente) por outra (figurativa).

Para compreender melhor o funcionamento das metáforas na linguagem e na experiência humana, Ricoeur (2000) desenvolveu suas ideias sobre enunciados metafóricos. Para ele, existe uma dupla semântica envolvendo a linguagem, ou seja, um "domínio da origem" ou o termo de onde a metáfora é retirada, e um "domínio de chegada" ou o termo para o qual a metáfora é aplicada. Por exemplo, na metáfora "ele é um leão", "leão" é o domínio da origem e "ele" é o domínio de chegada.

No movimento sobre enriquecimento semântico, Ricoeur (2000) argumenta que a metáfora adiciona camadas de significado e complexidade à linguagem. Por isso, a metáfora não apenas compara dois termos, mas também revela conexões e relações entre eles que podem não ser imediatamente evidentes. A metáfora também pode criar distanciamento e estranhamento, desafiando as suposições e expectativas do leitor ou ouvinte. Isso pode levar a uma reavaliação da realidade e da experiência, promovendo a reflexão e a criatividade.

Ricoeur (2000) também destaca que a metáfora não deve ser reduzida a um único enunciado literal, pois ela envolve um processo de interpretação que se estende ao longo do texto ou discurso em que está sendo utilizada. A metáfora permite a abertura de novos horizontes de significado e uma compreensão mais profunda da realidade. Assim, não pode ser reduzida a uma simples definição real em termos de enunciado literal, mas sim compreendida como um processo complexo de interpretação e significado, enriquecendo nossa real compreensão.

Outros estudos são apresentados por Ricouer (2000), que examina a metáfora do ponto de vista da palavra, passando pela frase e chegando ao discurso. Não há uma intenção de substituir a retórica pela semântica, nem a segunda pela hermenêutica. A tarefa que Ricouer cumpre é a de legitimar cada ponto de vista, permitindo aproximações que respeitam as metodologias de cada perspectiva. Para fins deste artigo, optamos por trazer dois pontos de vista da metáfora, a primeira, que tratamos até então, sob a perspectiva do nível da palavra, e a segunda, sob a perspectiva do discurso.

São dois os estudos apresentados por Ricouer (2000) sob nível do discurso. Escolhemos abordar o estudo sete, cujo texto inicia com uma comparação entre o pensamento de Gottlob Frege, um dos precursores da filosofia analítica da linguagem, e de Émile Benveniste, linguista sírio-francês. O ponto de vista defendido neste estudo é de que o texto é uma unidade complexa do discurso que não se restringe às unidades da palavra ou da frase tampouco à escritura. Ricouer (2000) discute a metáfora, olhando de

forma distinta para a obra literária e para os textos ordinários, a partir da noção de referência.

Para tanto, problematiza conceitos de *realidade, mundo e verdade* e recupera noções teóricas desenvolvidas por Roman Jakobson acerca das funções da linguagem. Dentre elas, destaca a função poética, que projeta o princípio de equivalência do eixo da seleção sobre o eixo da combinação no que diz respeito à relação entre som e sentido. Ricouer (2000) argumenta em favor do abandono da concepção tradicional de conotação e denotação, ultrapassando a identificação de referência como denotação. Examina criticamente a teoria de Jakobson, da qual destaca aspecto que considera fundamental para pensar a questão da referência e que se relaciona à função referencial, a qual compreende que é profundamente alterada pelo jogo da ambiguidade, que afeta todas as funções da comunicação. Trata-se da noção de referência duplicada que, na tradução da obra brasileira, é citada como referência cindida:

A supremacia da função poética sobre a função referencial não oblitera a referência (a denotação), mas torna-a ambígua. A mensagem de duplo sentido encontra correspondência num remetente cindido, num destinatário cindido e, além disso, uma referência cindida, conforme expõem convincentemente os preâmbulos dos contos de fadas dos diversos povos, como, por exemplo, o exórdio habitual dos contadores de Majorka: *Aixo era y no era* ("isso era e não era)" (Jakobson, 1974, p. 150).

De acordo com essa perspectiva, Ricouer (2000, p. 351) defende que "a maneira pela qual o sentido metafórico se constitui dá a chave da duplicação da referência", assim o sentido de um enunciado metafórico é produzido pelo fracasso da interpretação literal do enunciado. Em outras palavras, a metáfora produz uma destruição do sentido literal ou da referência primária, um novo sentido sob as ruínas do sentido literal, uma inovação de sentido, e é isso que constitui a metáfora viva.

Percebemos assim, nesta breve apresentação, que as metáforas desempenham um papel central na linguagem, na interpretação e na compreensão da experiência humana, o que torna desafiador nosso olhar para a interação nas redes sociais.

Na próxima seção, buscamos na perspectiva da linguística cognitivista, descrever um outro conceito de metáfora, com vistas a qualificar nosso olhar em busca de explicações para o fenômeno em análise.

1.1 A metáfora conceptual

Sabemos que é na interação que os sentidos são construídos. O contexto, as pessoas e o meio social constroem a identidade das palavras e produzem valores semânticos. Mostramos, a seguir, a partir de Lakoff e Johnson (1980), que as metáforas são muito mais do que mero recurso linguístico no emprego de palavras. De acordo com os linguistas,

longe de ser uma questão de interesse periférico à linguística ou à filosofia, há um sistema metafórico que subjaz à linguagem, exercendo influência em nosso pensamento e em nossas ações, o que faz com que as metáforas estejam muito mais presentes no nosso dia a dia, infiltradas em nosso cotidiano, do que possamos imaginar.

Lakoff e Johnson (1980) explicam que, em geral, filósofos e linguistas não se preocupavam com as mesmas questões pelas quais eles se interessaram e às quais se dedicaram. Havia uma razão que explicaria o fato de nenhuma tentativa ser feita para fornecer um relato tão detalhado dos tipos de exemplos que eles discutiram. A razão seria a exigência de uma abordagem sobre como compreendemos áreas de experiências que não são bem definidas em seus próprios termos e devem ser apreendidas em termos de outras áreas de experiência.

De acordo com a concepção cognitivista, nosso sistema conceitual - estrutura mental que subjaz à nossa capacidade de compreender e usar a linguagem - teria, fundamentalmente, por natureza a metáfora como base. Nesse sentido, as metáforas não são apenas palavras ou expressões isoladas, mas constituem toda a estrutura da linguagem, uma vez que se encontram fixadas em nossas operações mentais. Cabe considerar que a metáfora é um mecanismo fundamental da mente, algo tão relevante na nossa comunicação e interação que nos possibilita entender as experiências mais abstratas por intermédio das nossas experiências físicas e sociais.

Conforme classificação proposta por Lakoff e Johnson (1980), as metáforas podem ser classificadas em três tipos: metáforas estruturais, metáforas orientacionais e metáforas ontológicas.

A primeira categoria – a da metáfora estrutural – destaca que as metáforas não são apenas figuras de linguagem, mas também estruturam nossa compreensão do mundo e nossa forma de pensar sobre ele. Para compreender esse tipo de metáfora, os autores exemplificam o termo “discussão”, usado para se referir à metáfora de guerra e citam outros termos, como “ganhar” ou “perder” uma discussão. Embora não haja uma batalha física, explicam, há uma batalha verbal e essa se reflete na estrutura de uma discussão. O conceito metafórico “discussão é guerra” estrutura o que fazemos quando discutimos, ao menos parcialmente, assim como a maneira pela qual compreendemos o que fazemos. A cultura da nossa sociedade permite que compreendamos que os argumentos são como armas de guerra, tornando-se essenciais em discussões, tendo o poder de destruir, derrubar, atacar, ganhar e perder. Nesse sentido:

A maneira normal de falarmos sobre atacar uma posição é usar as palavras “atacar uma posição.” Nossas maneiras convencionais de falar sobre argumentos pressupõem uma metáfora da qual quase nunca temos consciência. A metáfora não está apenas nas palavras que usamos – está em nosso próprio conceito de argumento. A linguagem do argumento não é poético, fantasioso ou retórico; é literal. Falamos sobre argumentos dessa

maneira porque os concebemos dessa maneira - e agimos de acordo com a maneira como os concebemos conceber as coisas (Lakoff; Johnson, 1980, p.15).

A partir dessa compreensão, percebemos que a metáfora não é apenas uma questão de linguagem ou de mero emprego de palavras, pelo contrário, os processos de pensamento humano são em grande parte metafóricos. Isto é, o que os autores afirmam é que o sistema conceptual humano é metaforicamente estruturado e definido. Metáforas como expressões linguísticas são possíveis precisamente porque existem metáforas no sistema conceptual de uma pessoa. Podemos afirmar que a essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra, pois se entende que a metáfora está presente desde o pensamento até a estrutura da linguagem que usamos, ou seja, ela é a representação do conceito metafórico.

A língua segue uma caracterização, a qual pode ser compreendida como um sistema coerente de conceitos metafóricos e de expressões metafóricas, explicam os autores. Nesses sistemas, a caracterização está sujeita à forma como determinados conceitos são valorados de acordo com a cultura de cada grupo social. Por exemplo, na máxima “tempo é dinheiro” depreendemos que, através do conceito de trabalho em nossa sociedade, conseguimos relacionar tempo com algo limitado e valioso e, nesse sentido, nossas ações refletem que experienciamos o tempo como algo que pode ser bem ou mal utilizado, poupado ou desperdiçado.

A partir da análise da obra *Metáfora do canal*, de Michael Reddy (1979), Lakoff e Johnson (1980) constataam que sempre há algo encoberto pela metáfora, algo difícil de ser identificado, porém, se olharmos as implicações dessas metáforas, é possível compreendermos os aspectos que elas mascaram. Nesse sentido, palavras e sentenças possuem significado em si mesmas, ou seja, independentes de contextos ou falantes. Em contrapartida, haverá também situações em que o contexto é realmente importante, assim como uma mesma frase pode ter significados diferentes para pessoas diferentes.

Vimos até aqui a definição de metáforas estruturais. Entendemos que, embora tenham uma justificativa racional possuem uma forte base cultural. Veremos, na sequência, o segundo tipo de metáfora.

As metáforas orientacionais, conforme Lakoff e Johnson (1980), organizam todo um sistema de conceitos em relação a outro, tendo conformidade com a orientação espacial, como sentido e direção. Nessa perspectiva, os linguistas analisam conceitos metafóricos tais como “felicidade é para cima”. Explicam que a compreensão desse conceito se encontra em estreita relação com nossa experiência física e cultural, significando que nosso corpo, nossa postura e como o outro nos vê estão ligados ao nosso bem-estar social e às nossas virtudes e que isso remeteria a uma posição que eleva o espírito, daí a ideia do “para cima”. Assim, o conceito de felicidade faria parte de um sistema conceptual cujo sentido deriva

do seu papel nesse sistema metafórico e coerente.

Por outro lado, por intermédio das bases experienciais, a metáfora pode servir aos propósitos da compreensão e basear-se em tipos distintos de experiência. Os autores explicam que a base experiencial é de fundamental importância para que possamos entender os resultados das metáforas que podem representar tipos distintos de experiência que não se combinam entre si como, por exemplo, “desconhecido é para cima” e “conhecido é para baixo”. Dependendo das bases experienciais dessas metáforas, os sentidos construídos podem ser completamente distintos, o que aproxima a metáfora orientacional da metáfora estrutural “compreender é pegar”, ou seja, eu não consegui “pegar” (compreender) a explicação porque não compreendi determinada mensagem, o que implica o conhecimento de que cada metáfora poderá ter uma base experiencial diferente.

Ao falar sobre metáfora e coerência cultural, Lakoff e Johnson (1980) abordam os valores fundamentais de uma cultura. Para eles, esses valores serão coerentes com a estrutura metafórica dos conceitos fundamentais e enraizados em determinada cultura e nos valores individuais de cada pessoa. Assim, os valores não são independentes, mas formam um sistema de conceitos metafóricos que orientam nossas percepções e vivências cotidianas. A metáfora “mais é para cima” pode ser coerente para um grupo que priorize quantidade e não ser para um subgrupo que considere que menos é melhor. Ou seja, cada grupo poderá ter um valor ou uma prioridade diferente. Por isso, é preciso que os valores sejam coerentes e que cada grupo defina o que é bom e virtuoso para eles de diferentes maneiras.

A terceira categoria apresentada pelos autores é a das metáforas ontológicas. Essas nos permitem categorizar e lidar de maneira racional com nossas experiências, como entidades ou substâncias. Nem sempre percebemos as metáforas ontológicas como metáforas, pois elas podem servir a uma variedade ilimitada de objetivos e especificar diferentes tipos de objetos. Quando falamos, por exemplo, que “o nosso maior inimigo agora é a inflação” a inflação está personificada, o que nos leva a uma metáfora, considerando o dado sentido a fenômenos do mundo em termos humanos. Experiências mentais são concebidas nesse tipo de metáfora, principalmente porque são naturais e onipresentes em nosso pensamento e designam relações em modelos de mente já estabelecidos em nossa cultura pela nossa forma de pensar e agir.

Nossas experiências físicas e culturais são parte fundamental do nosso sistema conceptual. Para Lakoff e Johnson (1980), nessa dupla fundação, formam-se dois conceitos: *esquemas imagéticos*, relacionados a corpo e espaço, e *categorias de nível básico*, relacionadas à manipulação de objetos. No caso de esquemas imagéticos, dá-se como exemplo as metáforas de recipientes, que têm seus conceitos atrelados ao princípio de zonas territoriais. Nesse caso, entende-se que experimentamos o mundo através da

superfície de nossa pele, ou seja, de um mundo fora de nós. Cada pessoa é um recipiente com uma superfície demarcadora e uma orientação interna. Essa orientação é imposta por nós em nosso meio ambiente natural, mesmo quando não há demarcação física, nos expressamos de forma a sempre representar que estamos dentro ou fora de algo (de algum espaço), demonstrando um instinto de territorialidade e um ato de quantificação. Naturalizamos a expressão “campo visual”, porque delimitamos um território definido por até onde conseguimos, de fato, enxergar.

Dentre as metáforas ontológicas, encontramos uma possibilidade específica e sistemática, que é a personificação. Com ela, tornamos conceitos abstratos mais concretos e compreensíveis, muitas vezes recorrendo a estruturas mentais baseadas em experiências e ações humanas. Os autores explicam que a personificação é um recurso complexo que faz com que atribuamos características humanas a coisas que não são humanas. A personificação é, assim, considerada como uma extensão da metáfora ontológica e uma categoria metafórica que cobre grande variedade de metáforas.

A partir da personificação, os linguistas norte-americanos explicam o conceito de metonímia, ao qual o conceito de metáfora pode estar associado, usando, como exemplo, a seguinte construção: “O sanduíche de presunto está esperando a conta”, em que o sanduíche é usado para referir-se a uma pessoa real, ou seja, a pessoa que pediu o sanduíche. Não se trata, nesse caso, de uma personificação, pois não estamos atribuindo ao sanduíche características humanas e sim usando uma entidade para nos referirmos à outra que está relacionada a ela. Esse é o conceito de metonímia (Lakoff e Johnson, 1980).

O estudo da metonímia faz-se importante pois, tais relações não são apenas figuras de linguagem nos estudos de Lakoff e Johnson. Para eles, a metonímia nos permite usar uma parte, ou algo relacionado ao objeto/pessoa para representar outra, tendo uma função referencial, o que a diferencia da metáfora, que tem a função primordial de compreensão. Baseados em nossas experiências, os conceitos metonímicos também estruturam nossos pensamentos, atitudes e ações. Para ilustrar, os autores apresentam diversos modelos, um deles é a metonímia da “parte pelo todo”, quando identificamos e reconhecemos uma pessoa pelo seu rosto, mais do que por sua postura ou demais características. Dessa forma, entendemos que a parte selecionada falará pelo todo que estamos enfatizando.

Ao estudar esses conceitos trazidos por Lakoff e Johnson (1980), entendemos que o uso de metáforas e metonímias não é aleatório, pois formam sistemas coerentes que permitem nossa compreensão e experiência. Os autores consideram que as três metáforas estruturais racionais: “argumento é guerra”, “trabalho é um recurso” e “tempo é um recurso” têm uma forte base cultural. Tais metáforas surgiram naturalmente em nossa cultura porque elas destacam algo que corresponde ao que vivenciamos coletivamente.

Mas elas não estão apenas fundamentadas em nosso físico e experiência cultural, pois também influenciam nossa experiência e nossas ações.

Os linguistas norte-americanos explicam que, diferentemente dos animais, os seres humanos desenvolveram técnicas mais sofisticadas para conseguirem o que querem ou precisam. Com isso, institucionalizamos nossas lutas de diversas maneiras para evitar o conflito físico. Um dos resultados disso é o que chamamos de discussão verbal, a qual não elimina a representação da batalha de um território para estabelecer e de um território a defender. Nessa batalha, usaremos meios verbais para atacar e, também, para nos defender, considerando que podemos ganhar ou perder. Os argumentos, como táticas, são utilizados, entre muitas estratégias, para intimidar, ameaçar, menosprezar, fugir, desafiar e negociar.

Para ver a diferença entre uma conversa e um argumento, primeiro precisamos refletir sobre o que significa estar envolvido em uma conversa. Normalmente, entre duas pessoas, uma delas inicia a conversa e elas se revezam para falar sobre tópicos comuns ou sobre um conjunto de tópicos. Portanto, as conversas, geralmente, servem ao propósito de uma interação social educada. Mesmo em um caso simples como uma conversa normal entre duas partes, diversas dimensões da estrutura podem ser vistas em seis dimensões, como: participantes, partes, estágios, sequência linear, causalidade e propósito. Há muitos detalhes que poderiam ser acrescentados para caracterizar mais a conversa precisamente, mas estas seis dimensões da estrutura dão os contornos principais do que é comum em conversas típicas.

Nas conversas típicas, os autores explicam que sentimos que estamos em uma discussão quando encontramos nossa própria posição atacada ou quando sentimos necessidade de atacar a posição da outra pessoa. Torna-se uma discussão completa quando os participantes dedicam a maior parte de sua energia de conversação para tentar desacreditar a posição da outra pessoa enquanto mantêm a sua. Por isso, entende-se que estar em uma conversa é uma experiência estruturada.

Percebemos, a partir de Lakoff e Johson (1980), que a metáfora permeia nosso sistema conceitual normal e que é complexo o papel que esta desempenha na maneira como compreendemos e conceituamos nossa experiência e também na maneira como falamos.

As metáforas podem criar significados, mas cada cultura deve fornecer uma forma de lidar com o seu ambiente, resultando na adaptação e na mudança que for apropriada. Além disso, cada cultura deve definir uma realidade social dentro da qual as pessoas têm papéis que fazem sentido para elas e nas formas que podem funcionar socialmente.

A realidade social definida por uma cultura afeta sua concepção da realidade física,

pois o que é real para um indivíduo que faz parte de determinada cultura é um produto tanto de sua realidade social quanto da maneira pela qual ele molda sua experiência do mundo físico. Como grande parte da nossa realidade social é compreendida em termos metafóricos, e desde a nossa concepção do mundo físico é parcialmente metafórica, a metáfora desempenha um papel muito significativo na determinação do que é real para nós.

As metáforas, como vimos a partir de Lakoff e Johnson (1980), são de natureza conceptual, estão entre nossos principais veículos para a compreensão e desempenham um papel central na construção de realidade social e política. Baseamos nossas ações, tanto físicas quanto sociais, naquilo que consideramos verdadeiro. Em geral, a verdade é importante para nós porque tem valor de sobrevivência e nos permite funcionar em nosso mundo. Como também vimos, percebemos várias coisas no mundo natural como entidades, muitas vezes projetando limites e superfícies onde não há limites bem definidos ou em superfícies que existem naturalmente.

Na maioria dos casos, o que está em causa não é a verdade ou falsidade de uma metáfora, mas as percepções e inferências que dela decorrem e as ações que são sancionadas por ela. Em todos os aspectos da vida, definimos nossa realidade em termos de metáforas e então passamos a agir de acordo com base nas metáforas. Tiramos conclusões, estabelecemos metas, assumimos compromissos e executamos planos, tudo com base em como estruturamos em parte nossa experiência, consciente e inconscientemente, por meio de metáforas (Lakoff; Johnson, 1980, p.196).

Entendemos, portanto, que as metáforas não são apenas coisas que podem ser vistas além. Na verdade, pode-se ver além apenas usando outras metáforas. É como se a capacidade de compreender a experiência final por meio da metáfora fosse um sentido, como ver, tocar ou ouvir com metáforas fornecendo as únicas maneiras de perceber e experimentar grande parte do mundo.

Considerações parciais

A opção de aprofundar o conceito de metáfora parece ter sido uma alternativa viável para compreender a emergência e a propagação dos discursos de ódio na internet.

Os locutores que incitam ódio na internet justificam suas falas como metáforas, na tentativa de isentar-se de culpa pelo crime de incitação ao ódio. Vimos, a partir do conceito oriundo da filosofia grega, que a metáfora era recurso usado pelos oradores para que seu público visualizasse e entendesse melhor as ideias que estavam apresentando, tornando seu discurso mais cativante e envolvente. Ora, essa premissa parece plenamente possível de ser aplicada aos atuais locutores da internet. Se há alguma diferença, esta se encontra apenas no local em que seu público habita. Se antes era a praça pública, agora o público

está em frente a uma tela, do celular ou do computador, e a mensagem gravada pode ser reproduzida infinitamente diante dos mesmos ou de novos interlocutores.

Com Ricouer (2000), conhecemos a metáfora viva, conceito que, segundo o autor, produz uma destruição do sentido literal ou da referência primária, produzindo um novo sentido sob as ruínas do sentido literal, uma inovação de sentido. Essa explicação pode nos ajudar a compreender por que se justificam os discursos de ódio propagados como metáforas, pois, de fato, constroem um novo sentido diante dos interlocutores.

Esse novo sentido, nos leva a Lakoff e Johnson (1980), com a explicação da metáfora conceptual e suas derivações, mostrando a força das bases experienciais de cada grupo na construção dos sentidos. Sabemos que as interações constituídas de discursos de ódio e propagadas na internet refletem e refratam pontos de vista, os quais possuem relação com os interlocutores a quem se destinam as falas. Os argumentos são utilizados com diversas intenções, seja para intimidar, ameaçar ou menosprezar, assim dependerá da base experiencial do grupo, da cultura, a compreensão dos sentidos das manifestações discursivas.

Por fim, pelo que aprendemos até aqui, é possível depreender que a justificativa dos propagadores dos discursos de ódio de uso da metáfora parece legítima, afinal, como ensinam Lakoff e Johnson (1980, p. 196), “na maioria dos casos, o que está em causa não é a verdade ou falsidade de uma metáfora, mas as percepções e inferências que dela decorrem e as ações que são sancionadas por ela”. Por enquanto, aprendemos que as metáforas são recurso complexo e potente que desempenham um papel central na linguagem, na interpretação e na compreensão da experiência humana, o que torna ainda mais desafiador nosso olhar para a interação nas redes sociais.

Metaphors in hate speech interactions

Abstract

This work explores metaphor as an integral part of human language and aims to understand the role of this figure of speech as a justification in the profusion of violent or hateful speeches. The article presents a stage of research in development and seeks to describe metaphor from two perspectives: the first, based on the origins of the concept, from the philosophy of language; the second, based on cognitive linguistics. The study of the role of metaphors in language reveals how this argumentative resource represents an important strategy in the construction of discourses that convey verbal violence.

Keywords: Metaphors. Interaction. Hate speech

Referências

BAKHTIN, Mikhail M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2019.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. Prefácio de Izidoro Blikstein e tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Ed. Cultrix, 1974.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. 2. ed. São Paulo: Educ: Mercado de Letras, 1980.

RICOUER, Paul. **A Metáfora Viva**. São Paulo: Loyola, 2000.